

## China cria fascínio nos jovens e o número de estudantes de Mandarim cresce em Portugal

10 dez, 2020 - 07:33 • João Carlos Malta (texto e fotos)

Este é apenas o sexto ano letivo em que as escolas públicas em Portugal têm a opção da língua chinesa, mas os números continuam a subir, ainda que representem uma pequena minoria. As dificuldades dos alunos portugueses, o crescimento de um idioma com grande potencial económico e o que acham os professores chineses das capacidades dos estudantes lusos. As histórias de uma nova geração que olha para a China com entusiasmo.



Gabriela, aluna de mandarim do 10<sup>o</sup> ano na escola secundária Anselmo de Andrade.

Oiça a reportagem aqui.

A quarentena de quase três meses no final do ano letivo passado colocou Gabriela à frente de um computador a descobrir o mundo. **Os vídeos do Youtube, com séries e músicas, levaram a adolescente a querer saber mais sobre a China** e a língua daquele país. Quando este ano entrou para o 10<sup>o</sup> ano tinha uma certeza, queria aprender Mandarim. E num ápice, a ideia de voar para o Oriente para lá estudar e viver já enche os sonhos desta jovem.

Gabriela é, aos 16 anos, uma das **493 alunas do ensino secundário em Portugal** que escolheu, para segunda língua, o Mandarim. A introdução da língua chinesa nas escolas do país é ainda relativamente recente. A experiência entrou agora no sexto ano letivo e, em 2020/21, segundo os dados enviados pelo Ministério da Educação à **Renascença**, o número de estudantes **voltou a crescer quase 20%, em relação ao ano anterior.**

O projeto-piloto do ensino do Mandarim nas escolas secundárias enquadra-se no “Protocolo de Cooperação para o Ensino do Mandarim”, celebrado entre o Ministério da Educação e o Instituto Confúcio da China.

A adolescente escolheu a escola secundária Anselmo de Andrade, em Almada, justamente porque este é um dos **13 estabelecimentos de ensino que oferece a opção do Mandarim**. “Pensei que ia ser um grande desafio, e está a ser um grande desafio”, reconhece Gabriela.



## MACAU

Para quem como ela está a começar, alerta que o Mandarim é, “sem dúvida, uma língua difícil de pronunciar”. Mas dá uma receita para facilitar o processo de aprendizagem. “**A ver séries, comecei a ganhar um mini-vocabulário o que me começou a despertar interesse**. A cultura deles é totalmente diferente, faz com que tenhamos uma perspetiva diferente da nossa”, assegura.

### Abrir a escola ao mundo

O diretor daquela escola da margem sul, Carlos Almeida, afirma que esse foi mesmo o objetivo da instituição ao abraçar a disciplina em 2015. O responsável explica que já antes havia um conjunto de projetos europeus, como o Erasmus +, em que a escola detém um historial significativo com mais de 20 anos.

**“Era uma abertura da escola à Europa, faltava abrir ao mundo. Foi uma boa aposta, no sentido de fazer incursões ao Oriente”,** identifica.

Carlos Almeida sublinha que a China, do ponto de vista económico, é uma potência. “Gostemos mais ou menos, é uma realidade. Abre um conjunto de portas, não só para o conhecimento da língua e da cultura chinesa – que é vasta e interessante”, define.



Carlos Almeida, diretor da escola secundária Anselmo de Andrade, em Almada.

Foi o que Gabriela sentiu. As línguas europeias, com exceção do Inglês que “é fundamental”, já não a cativavam. “O Mandarim, apesar de toda a gente dizer que é muito difícil, temos de trabalhar muito, mas é compensador”, concretiza.

Agora que estão decorridos três meses de aulas garante que as mesmas são **“muito divertidas”**. Numa língua tonal, em que **uma palavra dita com diferentes tons quer dizer coisas completamente diferentes**, muitas das vezes geram-se situações hilariantes.

### **Depois da escola, o Instituto Confúcio**

Já com dois anos de aprendizagem do Mandarim está Vasco, de 17 anos. Também ele estuda na Secundária Anselmo de Andrade. No ano passado, terminou o 11.º ano, e este ano decidiu continuar a estudar a língua chinesa. Para isso, **todas as semanas desloca-se à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**, para frequentar o curso no **Instituto Confúcio**.



Vasco, de 17 anos, começou a gostar e a interessar-se pela cultura chinesa desde muito pequeno.

Para Vasco, chegar ao ensino secundário e escolher Mandarim foi só uma consequência natural de um percurso que começou muito cedo. Desde pequeno que, segundo conta, o interesse pela cultura chinesa, pelas culturas asiáticas, sempre esteve presente.

O jovem concorda com Gabriela de que a primeira abordagem à língua até pode a ser um pouco stressante, mas é “muito divertida, quando lhe pegamos o jeito”. **As boas notas, que obteve, tornaram a escolha muito gratificante.**

Neste momento, **há na secundária Anselmo Andrade 22 alunos a frequentar a disciplina de Mandarim.** Segundo o diretor Carlos Almeida, o número tem sido estável com um ligeiro acréscimo. Isso está correlacionado com o facto de “**os nossos alunos terem muito bons resultados**”.

**A média dos exames nacionais do 11.º ano tem rondado os 17 valores.** “Isso é atrativo para os que querem fazer o acesso à universidade com menos dificuldades”, refere.

### **As duas grandes dificuldades**

**Há pelo menos duas grandes dificuldades com que os alunos portugueses, e quem aprende o Mandarim, se deparam.** Vasco sintetiza-as: **o desenho e memorização dos caracteres** e a **dificuldade em acertar os tons** sem praticar com nativos.



O aluno explica que em relação à escrita – o Mandarim não usa o alfabeto romano – há milhares de caracteres e “memorizá-los é difícil, sobretudo quando começamos a aprender”.

“**Às vezes parecem hieróglifos**, mas, à medida que passa o tempo, começamos a habituar-nos e a perceber a lógica de alguns deles”, menciona. **O truque para ultrapassar as dificuldades é o de os desenhar sem parar.**

“É impossível conseguir sem praticar, sem ler textos, para que estejamos habituados a vê-los. Vivendo em Portugal é muito complicado ler ou ver textos num contexto diário. **É importante praticar, ver e escrever**”, enumera. Confessa que tira duas horas por semana só para o fazer.

Em relação à parte oral, Vasco considera-a ainda “mais complicada”, porque “para praticar precisamos de uma pessoa nativa na língua para nos poder corrigir”. E explica: “**Se falarmos com outra pessoa que não é nativa, podemos falar tudo mal que eles não vão notar**”.

Para ultrapassar este entrave, Vasco socorre-se dos colegas que conheceu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. São estudantes chineses a aprender Português. “É uma oportunidade de fazer amizade com eles, eles praticam o Português connosco e nós o Chinês com eles. É bom para as duas partes”, conclui.

Gabriela ainda não está no Instituto Confúcio para conversar com locais, mas arranjou uma ferramenta de substituição. **Através da aplicação de conversação “Tandem”,**

**encontrou nativos que a ajudam a aprender a língua.** “São professores e amigos ao mesmo tempo. Quando não consigo pronunciar uma palavra, vou perguntar lá”, afirma, entre sorrisos.

### **Professora chinesa desfaz-se em elogios**

Yang Ruixia é a **professora de mandarim** daquela secundária em Almada. Ela que antes de vir para Portugal também esteve no Nepal a ensinar a língua, era **professora universitária** numa cidade perto de Pequim.



Yang Rinxuia, professora de mandarim, está a pouco mais de um ano em Portugal.

Em relação aos alunos portugueses desfaz-se em elogios. “**Os meus alunos são muito bons, e têm uma paixão imensa pela língua**”, começa por dizer.

Yang afirma que os estudantes nacionais “têm uma mente muito aberta”. Tem a noção de que se trata de “toda uma nova língua”, uma nova lógica, e que para os europeus é muito difícil aprendê-la. “**Mas para eles tem sido muito fácil, aprendem muito facilmente a pronuncia. Apenas a escrita é mais difícil.** Falam de forma muito fluente, é espetacular”, considera.

Para esta docente há pouco mais de um ano em Portugal, as diferenças entre o ensino em Portugal e na China são por demais evidentes. “**Os portugueses são mais ativos na sala de aulas,** gostam de fazer muitas perguntas, estão interessados, e querem sempre fazer questões sobre as dúvidas que têm. São coisas que adoro”, valoriza.

Os alunos que tem à sua frente querem saber tudo sobre a comida, a roupa, até sobre questões políticas, e ainda as novidades das grandes estrelas da cultura pop chinesa.

“**Pensam que na China todos fazem Kung Fu e Tai Chi**, ontem falei sobre comidas chinesas e eles fizeram muitas questões. E perguntaram se vocês comem tudo, até os animais domésticos?”, recorda a sorrir.

Em oposição, na China, “a menos que eu lhes faça perguntas, os alunos não vão intervir”.

A professora chinesa gosta muito desta postura dos estudantes nacionais, porque “isto **quer dizer que estão a pensar no que estão a aprender**, e que querem perceber”. “Têm talento para explorar coisas novas”, afiança.



## Portugueses que aprendem Mandarim

Mas há outras diferenças, sobretudo na aplicação ao estudo. “[Na China] Se lhes der trabalho de casa, eles fazem-no de forma muito diligente, mas em Portugal, se o faço, dizem-me que é um grande fardo. Tento organizar a turma para que não haja trabalhos de casa”, concretiza.

## Começar a cativar os alunos ainda mais cedo

Apesar de a experiência do ensino do Mandarim ser positiva, a **escolha da disciplina é ainda ultraminoritária naquela escola e também no país**. A professora Eveline Monteiro, coordenadora do ensino do Mandarim na Secundária Anselmo de Andrade, desde o início do protocolo em 2015, defende que cinco anos de implementação para uma língua é pouco.

“Estamos ainda numa fase embrionária, **uma língua exige um lastro considerável, não se sedimenta a alta velocidade**”, explica. Por isso, pensa que o número de alunos está em consonância com o historial da língua no país.



Eveline Monteiro, coordenadora da disciplina de mandarim na escola secundária Anselmo de Andrade, em Almada.

Para mudar este panorama, **o plano do diretor Carlos Almeida é atrair desde tenra idade os mais novos para o Mandarim**. Para isso, a professora Yang visita as turmas das escolas do concelho a partir do 3.º ano, para aí efetivar o primeiro contacto com a língua. “Queremos plantar cedo para depois colher”, diz Almeida.

Até há bem pouco tempo esta era a única escola do distrito de Setúbal a dar a opção do Mandarim aos alunos, o que para a professora Evelina é uma mais-valia para a escola, porque permite aos alunos “entrar num outro mundo”.

A mesma docente levanta ainda o véu sobre as razões pelas quais os estudantes escolhem a disciplina. Todos os anos, a escola faz um inquérito aos alunos por volta de janeiro, para

perceber o que os fez decidir aprender Mandarim e qual é o balanço que fazem da aprendizagem. “Uns dizem que é porque **a língua é interessante**, pelo desafio e pela curiosidade que levanta, mas também pelo impacto cultural que daí advém. Eles **sublinham com muita clareza a importância económica** da língua”, enfatiza.

Eveline Monteiro diz ainda que os alunos portugueses “são muito criativos”, e isso é “uma mais-valia reconhecida pelos professores de Mandarim”. Mas nem tudo é perfeito: “Não estão muito habituados a sistematizar e investir no trabalho com grande intensidade”. Esta professora garante que **a disciplina e o método são as chaves do sucesso no Mandarim**.



Gabriela sonha um dia estudar e viver na China.

Na escola, Eveline faz a ponte com os professores que como Yang Ruixia chegam ao país. É todo um mundo novo em termos de práticas de ensino e de interpretação de documentos que desconhecem. Esta coordenadora faz, no entanto, elogios **à qualidade destes docentes** que são muito focados, sistematizam tudo, e acabam por encontrar estratégias que se favorecem os alunos.

**“São aulas muito diferentes, em que há leitura em voz alta, e os alunos repetem em coro até integrarem o tom”**, explica.

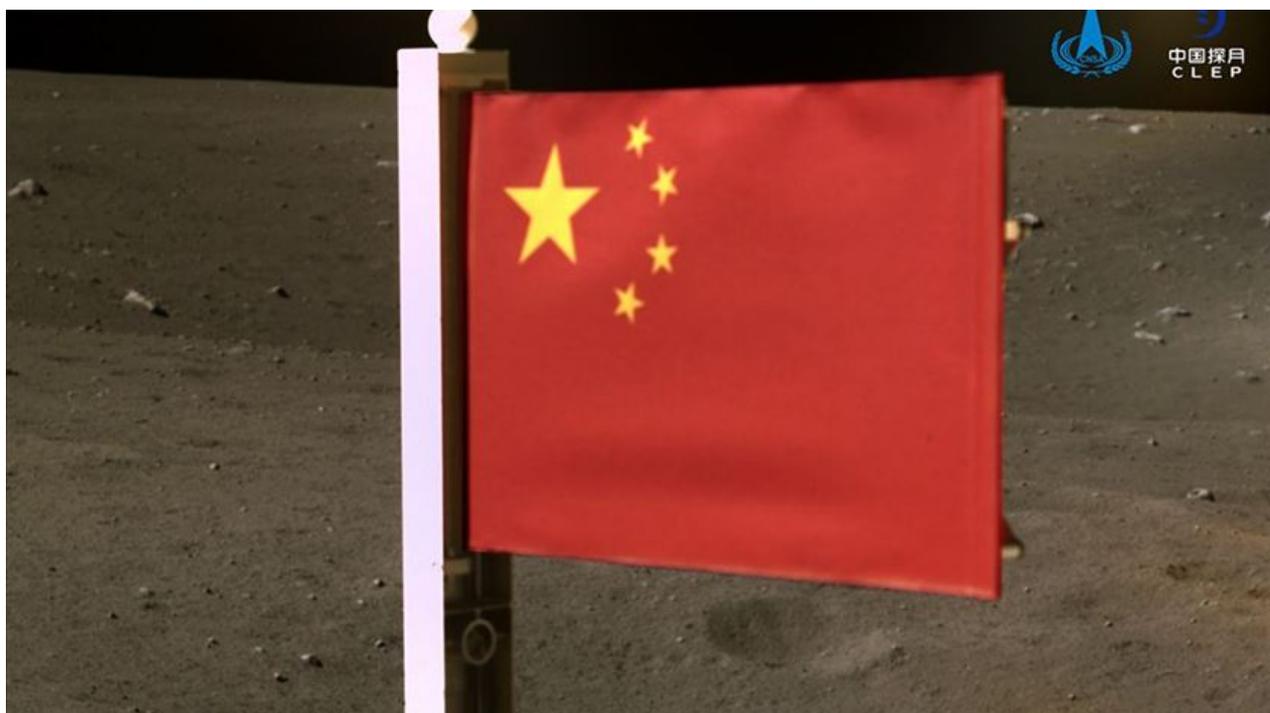
### Cinco anos

A professora Yang explica que, com os dois anos que fazem no secundário, estes alunos conseguem ter uma conversa simples, sobre coisas do dia-a-dia, os “hobbys”, a família, o desporto ou a meteorologia. A mesma acredita que **ao final de cinco anos, estes**

**estudantes podem ter já um bom conhecimento da língua chinesa.** Nessa altura, afirma, podem mesmo candidatar-se às bolsas que o Estado chinês tem para financiar os estudos naquele país.

É exatamente o que pretende Vasco, aumentar o nível que tem do Mandarim. Os amigos ainda ficam muito curiosos quando diz que está a aprender esta língua, mas para ele é um passo no caminho que quer trilhar:” Gostava de um dia poder estudar lá, quem sabe viver. São planos para o futuro, gostava de estudar no estrangeiro sejam seis meses ou um ano. Só o futuro o dirá”, resume.

Também em direção ao Oriente se estende a ambição e os sonhos de Gabriela. “**Viver na China sem dúvida que vai ser uma reviravolta na minha vida**, vou-me esforçar ao máximo para poder ir para lá, para conseguir abrir ao máximo os meus horizontes”, remata.



Em Portugal há 493 alunos a aprender Mandarim que se distribuem, segundo o Ministério da Educação avança à Renascença, por **238 alunos no 10.º ano, 244 no 11.º ano e onze no 12.º ano.**

As 13 escolas em que se pode aprender Mandarim no ensino público são: Escola Secundária Oliveira Júnior (São João da Madeira); Escola Secundária Carlos Amarante (Braga); Escola Básica e Secundária Dra. Manuela Gomes Almeida (Espinho); Escola Secundária D. Duarte (Coimbra); Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte (Marinha Grande); Escola Secundária de Estarreja (Estarreja); Escola Secundária Adolfo Portela (Águeda); Escola Secundária D. Pedro V (Lisboa); Escola Básica e Secundária Reynaldo dos Santos (Vila Franca de Xira); Escola Básica e Secundária Anselmo de

Data: 10-12-2020

Título: China cria fascínio nos jovens e o número de estudantes de Mandarim cresce em Portugal

Pub:



Tipo: Internet

Secção: Nacional

---

**Andrade (Almada); Escola Secundária Cacilhas Tejo (Cacilhas); Escola Secundária D. Sancho II (Elvas); Escola Secundária Dra. Laura Ayres (Quarteira).**

ID: 7010312